

Proposta de pesquisa de uso de sistemas colaborativos em empreendimentos sociais

Fernando B. Pinto¹,

¹ Instituto COPPEAD de Administração - Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ – Brazil

fernando.pinto@coppead.ufrj.br

***Abstract.** This paper describes the description of a research project that aims to use collaborative systems without social entrepreneurship as a form of human development (SEN, 1989). Using the methodology of Design Science Research, this article brings later the theoretical design already researched, an artifact architecture proposal was developed for the research analysis.*

***Resumo.** Este artigo trata da descrição de um projeto de pesquisa que tem como objetivo propor a utilização de sistemas colaborativos no empreendedorismo social como forma de aprimorar o desenvolvimento humano (SEN, 1989). Utilizando a metodologia do Design Science Research, esse artigo traz além do ferramental teórico já pesquisado, uma proposta de arquitetura do artefato a ser desenvolvido para a validação da hipótese de pesquisa apresentada.*

1. Introdução

Os sistemas colaborativos são utilizados pelos empreendedores sociais como forma de financiamento coletivo do custeio e de projetos – crowdfunding – e como ferramentas de ampliação de engajamento e de inovação a partir da chamada inteligência das multidões – crowdsourcing.

Ademais, os empreendimentos sociais, pela sua própria constituição de não estar voltado somente para o lucro, podem representar uma poderosa ferramenta para o bem estar de uma comunidade ou grupo social e para o aprimoramento do desenvolvimento humano, enfocando-se a questão pela lente teórica proposta por Amartya Sen e Martha Nussbaum.

Entretanto, um problema identificado na revisão de literatura é a dificuldade de aproximar os consumidores conscientes e adeptos do consumo responsável aos empreendedores sociais, com transparência, confiança e efetividade (BINNINGER, A.-S., OURAHMOUNE, N., & ROBERT, I., 2015). Como fazer com que os adeptos do consumo responsável possam ter a garantia que estão incentivando o empreendedorismo social e estão fazendo parte da economia colaborativa, com consciência do processo, transparência e confiança?

Portanto, este projeto de pesquisa tem como objetivo central comprovar a hipótese de que ferramentas colaborativas desenvolvidas segundo o preceito da teoria das capacidades (*capabilities approach*) contribuem para o aprimoramento do desenvolvimento humano na medida em que permitem tanto aos consumidores quanto

aos empreendedores a liberdade de escolha, fundamental dentro do conceito de agência de Amartya Sen, e amplia as possibilidades de desenvolvimento das capacidades e funcionalidades humanas.

Para responder à pergunta de pesquisa - como ferramentas colaborativas podem contribuir para o desenvolvimento humano? – esse projeto seguirá o método de pesquisa Design Science Research (VAN AKEN, 2004). Após o desenvolvimento do cabedal teórico e o estabelecimento das variáveis hipotéticas, partir-se-á para a elaboração de um artefato colaborativo de empreendimento social com base na teoria das capacidades. O artefato será utilizado por grupos focais escolhidos entre empreendedores sociais e consumidores. Os dados serão coletados e analisados qualitativamente para a validação da hipótese apresentada e discussão dos resultados obtidos.

2. Teoria das capacidades e desenvolvimento humano

O desenvolvimento humano é conceitualmente baseado na abordagem de capacidade (AC), que visa expandir as escolhas das pessoas. Sen (1989) argumenta que o desenvolvimento humano ocorre através da expansão de capacidades que os indivíduos consideram importante ter. O conceito de agência - a capacidade de os indivíduos agirem independentemente e fazerem suas próprias escolhas livres - está intrinsecamente ligado à abordagem da capacidade, uma vez que os indivíduos são os agentes de suas próprias escolhas, daquilo que eles valorizam. Nussbaum (2011), que acrescentou ao conceito de Sen, considera a abordagem de capacidade como oportunidades criadas por uma combinação de habilidades pessoais e influências de ambientes políticos, sociais e econômicos.

Uma abordagem complementar está contida nas dez capacidades centrais de Nussbaum. Ela também acredita que essas capacidades centrais podem capacitar as pessoas a levar uma vida digna e minimamente florescente e, conseqüentemente, são necessárias para o desenvolvimento humano.

3. Empreendedorismo social

Seja pela necessidade de criar novas alternativas de subsistência, seja pela visão de uma oportunidade única de agregar valor a bens e serviços, segundo economistas (BAGGIO, A.F; BAGGIO, D.K.), o empreendedorismo funciona como uma mola propulsora para a economia, pois para promover o desenvolvimento de seus produtos e serviços, o empreendedor está disposto a correr riscos e recorrer à inovação para atingir a vantagem competitiva, o que Schumpeter (1988) chamou de destruição criativa.

Quando a inovação e a destruição criativa schumpeteriana não estão voltadas apenas para o lucro, mas também para o desenvolvimento social de um determinado grupo de indivíduos, conceitua-se esse fenômeno como empreendedorismo social (PHILLIPS, W et al.). MULGAN (2006) segue pelo mesmo caminho e define o empreendedorismo social como um conjunto de atividades e serviços inovadores que é motivado pelo objetivo de atender a uma necessidade social (LETTICE & PAREKH, 2010).

ZAHRA ET AL. (2009) afirmam que as atividades e processos do empreendedorismo social tem o objetivo de descobrir, definir e explorar oportunidades, a fim de aumentar e

promover a riqueza e o bem-estar de uma comunidade ou grupo social, criando novos empreendimentos ou gerenciando organizações existentes de uma maneira inovadora.

No Brasil, a idéia de empreendedorismo social começa a ser mais discutida a partir do final dos anos 1990, quando as organizações do terceiro setor, que apoiavam comunidades vulneráveis e com baixo índice de desenvolvimento humano, tiveram seu orçamento reduzido, seja pelo contexto da crise internacional, seja pela mudança de foco das grandes agências de financiamento da América Latina para a África e países em conflito

Para a captação de recursos e apoiadores, empreendedores sociais passaram a recorrer a práticas e ferramentas próprias do que economia compartilhada e do consumo colaborativo.

4.Ferramentas colaborativas para empreendimentos sociais: Crowdfunding e crowdsourcing

O financiamento é escasso em todas as formas de empreendedorismo. Essa escassez de financiamento coloca novas firmas em uma clara desvantagem em relação às empresas estabelecidas. Esta escassez de financiamento representa um desafio para a sobrevivência de um empreendimento social, porque a motivação social muitas vezes tem precedência sobre considerações financeiras. Projetos de natureza social são pouco atrativos para empreendedores tradicionais ou investidores, porque as metas sociais às vezes entram em conflito com a meta de maximizar lucros. Esta dificuldade é agravada pela concorrência acirrada entre as organizações para atrair doações e ajuda dos governos.

Para ultrapassar as barreiras apresentadas pela dificuldade de sustentabilidade financeira, bem como de incentivo ao engajamento da sociedade nos empreendimentos sociais, ferramentas colaborativas de crowdfunding (PAOLONI et al , 2019) e crowdsourcing vem sendo utilizadas para o financiamento coletivo e para a utilização das dados, informações do conhecimento das multidões – inteligência coletiva – para o aprimoramento dos modelos de negócio e das práticas de troca no interior do ecossistema de economia compartilhada (OSELLA,2014)

5. Desenho da pesquisa

Esse projeto de pesquisa tem como primeiro passo a revisão teórica sobre empreendedorismo social e sistemas colaborativos, tendo como enquadramento teórico a teoria das capacidades (Sen,1989). O segundo passo é com base no referencial teórico, elaborar a ontologia do domínio de empreendedorismo social para nortear o desenvolvimento do artefato e suas bases de dados. O terceiro passo será a confecção da arquitetura, modelo e protótipo do artefato de empreendedorismo social. Implementado o artefato, grupos focados o utilizarão e as impressões sobre o experimento de uso da ferramenta serão registradas, analisadas e discutidas para a validação da hipótese de pesquisa.

6. Método

6.1. Design science research

Gregor (2006) classifica as contribuições teóricas em de sistemas de informação de acordo com quatro objetivos centrais do trabalho científico: análise, explicação, predição e prescrição. Ao destrinchar cada um desses objetivos, Gregor (2006) desmembra em cinco os tipos de teoria resultantes do processo de pesquisa baseados nos quatro objetivos supracitados. São eles: teoria para análise, teoria para explicação, teoria para predição, teoria para explicação e predição, e teoria para projeto e ação. Dentro dessa classificação proposta por Gregor (2006) localizamos essa proposta de pesquisa como aquela que utilizará teoria para projeto e ação, isto é, com base num arcabouço teórico, esse trabalho científico se propõe a modelar, confeccionar e implementar um artefato, aplicá-lo em grupos focados e implantá-lo.

Para o encaminhamento deste projeto de pesquisa que busca a utilização da teoria para projeto e ação, definiu-se o método do *Design Science Research* (DSR) como o mais adequado, pois compreende a utilização de um quadro teórico para apoiar a elaboração e avaliação de um artefato. Segundo Van Aken (2004), “a Design Science não se preocupa com a ação em si mesma, mas com o conhecimento que pode ser utilizado para projetar as soluções.” Esse projeto de pesquisa vai na direção do preconizado por Van Aken (2004) ao propor uma contribuição teórica a partir da validação do artefato.

7. Artefato para empreendedorismo social

A partir da revisão teórica já realizada, além da definição da hipótese, do método e dos objetivos de pesquisa a ser perseguida, uma arquitetura do artefato a ser utilizado na pesquisa é proposto na figura 1. Essa arquitetura preconiza o desenvolvimento de uma ontologia do domínio do empreendedorismo social, mapeando seus principais conceitos, atores, relacionamentos e restrições, tendo como base a teoria das capacidades (SEN,1989). A base de dados será norteadada pela ontologia e atualizada pelas informações de produtos, serviços e demandas introduzidas através da interação entre os empreendedores, os consumidores e a plataforma colaborativa de empreendedorismo social resultante da implementação do artefato.

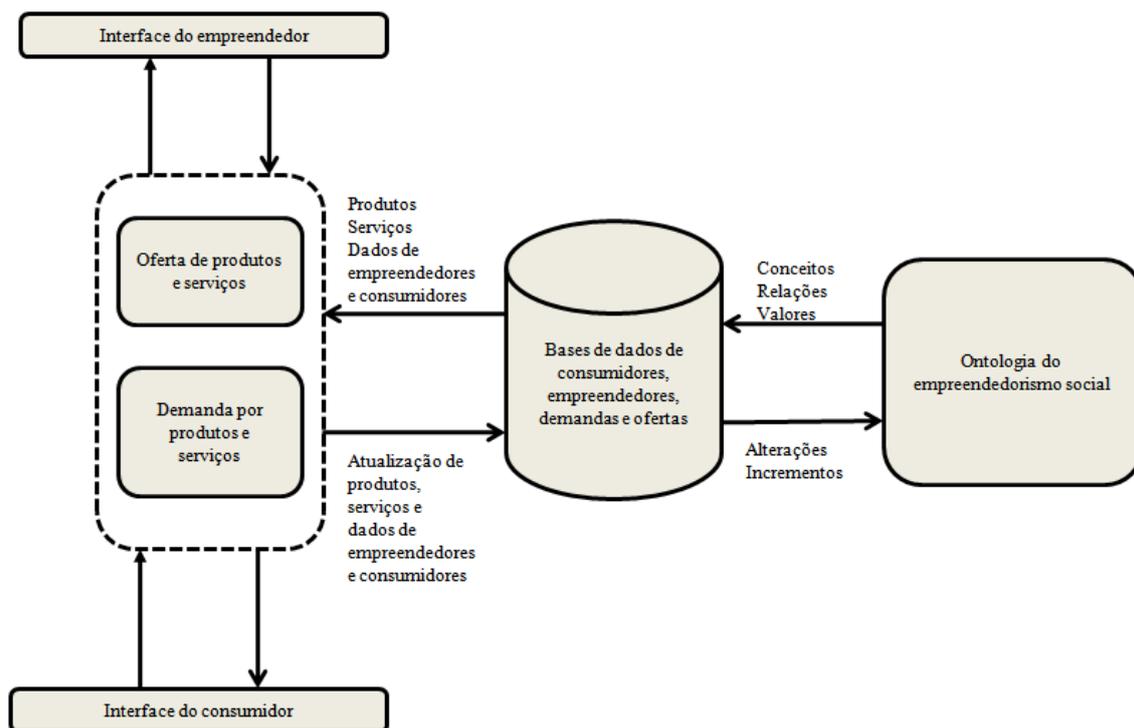


Figura 1: Arquitetura de artefato para empreendedorismo social

8. Conclusão

Este projeto de pesquisa encontra-se em sua fase inicial de revisão sistemática da literatura, mas como já tem o desenho de pesquisa delineado, traz uma proposta de arquitetura do artefato a ser elaborado e testado. Essa arquitetura também auxilia no refinamento dos objetivos de pesquisa e na definição da abrangência do universo de amostras a comporem os testes e avaliações. Os próximos passos da pesquisa são a validação da lente teórica a ser utilizada e o incremento do artefato, além da definição de um cronograma de implementação do protótipo a ser desenvolvido.

Referências

- BAGGIO, A.F; BAGGIO, D.K. Empreendedorismo: Conceitos e Definições. Rev. de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia, 1(1): 25-38, 2014 - ISSN 2359-3539
- BRABHAM DC. Crowdsourcing as a model for problem solving an introduction and cases. Convergence (London) 2008;14:75–90. doi: 10.1177/1354856507084420. [CrossRef] [Google Scholar]
- BINNINGER, A.-S., OURAHMOUNE, N., & ROBERT, I. (2015). Collaborative consumption and sustainability: A discursive analysis of consumer representations and collaborative website narratives. Journal of Applied Business Research (Jabr), 31, 969–986.
- GREGOR, S. The Nature of Theory in Information Systems. MIS Quarterly 30(3):611-642 ·(2006)
- HISRICH, R. D., & PETER, M. P. Empreendedorismo. Porto Alegre: Bookman. (2004).

- KHARE R, GOOD BM, LEAMAN R. Crowdsourcing in biomedicine: challenges and opportunities. *Brief Bioinform.* 2016;17:23–32. doi: 10.1093/bib/bbv021. [PMC free article] [PubMed] [CrossRef]
- LETTICE, F., & PAREKH, M. (2010). The social innovation process: Themes, challenges and implications for practice. *International Journal of Technology Management*,51, 19-158.
- NUSSBAUM, M. C.:Creating capabilities. *The Human Development Approach.* Cambridge, Harvard University Press (2011).
- OLIVEIRA, E. M. Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias.2004
- OSELLA M. A Multi-dimensional approach for framing crowdsourcing archetypes. PORTO – Publications Open Repository Torino, Politecnico di Torino; 2014. Available: <http://porto.polito.it/2535900/>. Accessed: 14 October 2017.
- PAOLONI, P., PAOLONI, N. and MODAFFARI, G. (2019), "Crowdfunding as a new collaborative process in the knowledge economy", *VINE Journal of Information and Knowledge Management Systems*, Vol. 49 No. 2, pp. 241-255.
- PHILLIPS, W et al. Social Innovation and Social Entrepreneurship: A Systematic Review. *Group & Organization Management.* 2015, Vol. 40(3) 428–461
- SCHUMPETER, J. A. A teoria do desenvolvimento econômico. São Paulo, Nova Cultura. 1988.
- SEN, A.: Well-Being, Agency and Freedom: The Dewey Lectures. *Journal of Philosophy*, 82(4), 169–221(1985).
- VAN AKEN. Management Research Based on the Paradigm of the Design Sciences: The Quest for Field-Tested and Grounded Technological Rules. *Journal of Management Studies.* Volume 41, Issue 2 (2004)
- ZAHRA, S. A., GEDAJLOVIC, E., NEUBAUM, D. O., & SHULMAN, J. M. (2009). A typology of social entrepreneurs: Motives, search processes and ethical challenges. *Journal of Business Venturing*, 24, 519-532.